

**DIÁLOGOS COM AS MASCULINIDADES POR MEIO DA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL E DA COEDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**DIALOGUES WITH MASCULINITIES THROUGH THE INTERCULTURAL
PERSPECTIVE AND COEDUCATION IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION**

**DIÁLOGOS CON LAS MASCULINIDADES ATRAVÉS DE LA PERSPECTIVA
INTERCULTURAL Y LA COEDUCACIÓN EN LA EDUCACIÓN FÍSICA
ESCOLAR**

SANTOS, Ana Paula da Silva¹

BRITO, Leandro Teófilo de²

Resumo:

Este estudo buscou problematizar sentidos das masculinidades em discursos circulantes na Educação Física escolar, a partir do recorte de uma pesquisa mais ampla que discutiu as relações de gênero nas aulas de Educação Física por meio da perspectiva multi/intercultural. Além da utilização de uma perspectiva fundamentada na educação intercultural, destacamos também a dimensão da coeducação na problematização das questões de gênero nas aulas de Educação Física. Partimos do pressuposto que essas duas concepções em diálogo podem contribuir para a discussão e tensionamento das questões de gênero e, conseqüentemente, sobre o tema da masculinidade. Para tanto, recorremos a análise de um grupo de discussão com estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública e entrevista realizada com o professor de Educação Física da referida turma. Como descoberta relevante, identificamos a dominância dos meninos nos espaços de aula, o cerceamento dos meninos às meninas nas práticas realizadas em conjunto e, além disso, o sofrimento de meninos que não se enquadravam no modelo de masculinidade tóxica/hegemônica por não aderirem a tal modelo normativo. Em relação

¹ Prefeitura Municipal da cidade de Duque de Caxias - PMDC. Caxias, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0755-2484>. E-mail: apss.sol@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9123-5280>. E-mail: teofilo.leandro@gmail.com

ao professor, identificamos percepções essencialistas acerca das construções das masculinidades e feminilidades e, em contrapartida, uma ênfase na importância da formação inicial e continuada de professores em abordar os temas gênero e sexualidade. Assim sendo, defendemos a ampliação de pesquisas sobre as masculinidades no campo da Educação, problematizando aspectos diversos das desigualdades de gênero, como também de danos causados a meninos e jovens pela incorporação nociva da masculinidade tóxica/hegemônica.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Intercultural; Coeducação; Masculinidades; Desigualdades de gênero.

Abstract:

This study sought to problematize the meanings of masculinities in discourses circulating in Physical Education at school, based on a broader research that discussed gender relations in Physical Education classes through a multi/intercultural perspective. In addition to using a perspective based on intercultural education, we also highlight the dimension of co-education in problematizing gender issues in Physical Education classes. We start from the assumption that these two conceptions in dialogue can contribute to the discussion and tensioning of gender issues and, consequently, on the subject of masculinity. For that, we used the analysis of a discussion group with students of the 5th year of elementary education in a public school and an interview with the Physical Education teacher of that class. As a relevant discovery, we identified the dominance of boys in the classroom spaces, the restriction of boys to girls in practices carried out together and, in addition, the suffering of boys who did not fit the model of toxic/hegemonic masculinity for not adhering to such normative model. In relation to the teacher, we identified essentialist perceptions about the constructions of masculinities and femininities and, on the other hand, an emphasis on the importance of initial and continued teacher training in addressing gender and sexuality issues. Therefore, we defend the expansion of research on masculinities in the field of Education, problematizing different aspects of gender inequalities, as well as the damage caused to boys and young people by the harmful incorporation of toxic/hegemonic masculinity.

Keywords: Physical education; Intercultural Education; Co-education; Masculinities; Gender inequalities.

Resumen:

Este estudio buscó problematizar los significados de las masculinidades en los discursos que circulan en la Educación Física en la escuela, a partir de una investigación más amplia que discutió las relaciones de género en las clases de Educación Física a través de una perspectiva multicultural/intercultural. Además de utilizar una perspectiva basada en la educación intercultural, también destacamos la dimensión de la coeducación en la problematización de las cuestiones de género en las clases de Educación Física. Partimos del supuesto de que estas dos concepciones en diálogo pueden contribuir a la discusión y tensión de las cuestiones de género y, en consecuencia, sobre el tema de la masculinidad. Para ello, se utilizó el análisis de un grupo de discusión con alumnos del 5º año de educación básica de una escuela pública y una entrevista al profesor de Educación Física de esa clase. Como hallazgo relevante, identificamos el predominio de los niños en los espacios del aula, la restricción de los niños a las niñas en las prácticas realizadas en conjunto y, además, el sufrimiento de los niños que no encajaban en el modelo de masculinidad tóxica/hegemónica por no adherirse a tal modelo normativo. En relación al docente, identificamos percepciones esencialistas sobre las construcciones de masculinidades y feminidades y, por otro lado, un énfasis en la importancia de la formación inicial y continua del docente en el abordaje de las cuestiones de género y sexualidad. Por ello, defendemos la expansión de la investigación sobre las masculinidades en el campo de la Educación, problematizando diferentes aspectos de las desigualdades de género, así como los daños que provoca en los niños y jóvenes la nociva incorporación de la masculinidad tóxica/hegemónica.

Palabras-clave: Educación Física; Educación Intercultural; Coeducación; Masculinidades; Desigualdades de género.

Introdução

No início do ano de 2021, a matéria jornalística intitulada “China lança campanha para impulsionar masculinidade nas escolas com mais aulas de Educação Física”³ repercutiu em alguns meios de comunicação e nos chamou atenção: a China buscava com a campanha combater uma suposta “feminização de adolescentes do sexo masculino” e foi lançada pelo Ministério da Educação para estimular que os governos aumentassem o número de professores homens de Educação Física com o intuito de “cultivar a masculinidade” dos jovens estudantes, tidos como “delicados, covardes e afeminados”.

Tal campanha nos colocou em reflexão, pois mobiliza a Educação Física escolar para corroborar com os modos nocivos de “ser homem”, bastante questionados na contemporaneidade pelo que se entende como masculinidade tóxica: modelos de identidades impostas para meninos e jovens, frutos do machismo e da homofobia e que são prejudiciais às mulheres e aos próprios homens (CASTRO, 2018).

Em contraposição ao fato, defendemos que o campo da Educação pode se engajar nas disputas em torno da desestabilização da masculinidade tóxica, sobretudo nas escolas, por meio de propostas pedagógicas democráticas, dialógicas e que reconheçam as diferenças. Assim, nos aproximamos da perspectiva intercultural crítica (CANDAU, 2018), proposta que rompe com a visão essencialista da construção das culturas e identidades culturais e afirma que a sociedade atual é marcada por intensos processos de hibridização que definem as identidades como abertas e em permanente construção. A perspectiva intercultural crítica desnuda os mecanismos de poder que permeiam as relações culturais, entendendo que, tais relações, não são puras e românticas, mas construídas em um processo histórico e, portanto, atravessadas por questões de poder fortemente hierarquizadas, marcadas por preconceitos e discriminações entre os diferentes grupos.

No âmbito escolar, nosso foco de atenção neste artigo, podemos pensar a interculturalidade crítica por intermédio da chamada educação intercultural (PINEDA, 2009), representada por práticas pedagógicas culturalmente situadas, que valorizam as diferenças e promovem a igualdade, levando em consideração diferentes vozes e visões de mundo. Para Pineda (2009), o diálogo intercultural não é uma atitude inerente aos

³ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/china-lanca-campanha-para-impulsionar-masculinidade-nas-escolas-com-mais-aulas-de-educacao-fisica-24870431.html> . Acesso em: 30 mar. 2023.

sujeitos, mas pode ser construído na intenção de promover relações democráticas e justas entre diferentes grupos.

Trazendo um recorte de uma pesquisa mais ampla que discutiu as relações de gênero nas aulas de Educação Física por meio da perspectiva multi/intercultural (SANTOS, 2013; SANTOS; CANEN, 2015; SANTOS; BRITO, 2020), buscamos, neste artigo, problematizar sentidos das masculinidades em discursos circulantes na Educação Física escolar. Na sessão seguinte, abordaremos o tema da masculinidade nos estudos de gênero.

Masculinidades nos estudos de gênero

A temática da masculinidade nos estudos de gênero passou a ser debatida na teoria feminista da terceira onda do movimento de mulheres, localizada entre as décadas de 1970 e 1980, quando pesquisadoras e militantes reconheceram a necessidade de ampliação da luta para além de espaços que se restringiam às mulheres (BRITO, 2021).

Nesse cenário de disputas, os homens começaram a ser focalizados no debate sobre gênero, pois se compreendeu que a masculinidade também era uma construção social, assim como a feminilidade. Seja na complexificação das discussões sobre pautas relativas aos direitos das mulheres, seja no reconhecimento da existência de múltiplas masculinidades na sociedade, esses estudos emergiram no campo pelo que se entende como perspectiva relacional.

A historiadora feminista Joan Scott (1995) foi uma referência importante nessa discussão, ao defender que o uso do termo gênero não poderia ser lido como sinônimo de mulheres já que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (p. 75).

Desse modo, entendemos que as masculinidades são configurações de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, pois diferentes masculinidades são produzidas num mesmo contexto social, incluindo entre os homens relações de dominação, marginalização e cumplicidade (CONNELL, 1995). Dentro de um quadro teórico mais amplo, aproximamos a enunciação “masculinidade tóxica” da noção de “masculinidade hegemônica”, definida como uma configuração de prática de gênero articulada à legitimidade do patriarcado que, em momentos históricos específicos, garantiu ou se considerou garantir a posição dominante dos homens, a subordinação das

mulheres e de masculinidades tidas como subalternas (CONNELL, 2003).

No campo da Educação, pesquisas sobre o tema das masculinidades vem se desenvolvendo com o avanço da produção acadêmica dos estudos de gênero. Concordando com Brito e Leite (2019), defendemos a importância da ampliação de pesquisas sobre as masculinidades no campo da Educação, pois é importante que se discuta as hierarquizações entre meninos e meninas nos diferentes espaços educacionais, problematizando aspectos diversos das desigualdades de gênero, como também de danos causados a meninos e a jovens pela incorporação nociva da masculinidade tóxica.

Nas pesquisas com foco na Educação Física escolar, a masculinidade hegemônica é apontada como dominante nas aulas, seja nas aulas conjuntas entre meninos e meninas, seja nas práticas que separam os meninos das meninas e o esporte se torna o principal conteúdo (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008; MORAES E SILVA; CÉSAR, 2012; BRITO; SANTOS, 2013). Neste artigo, buscamos contribuir com a discussão sobre o tema das masculinidades no campo da Educação e da Educação Física, trazendo novos elementos para esse importante debate.

Caminhos metodológicos

Nossa pesquisa é composta por dados produzidos pela primeira autora deste artigo em sua dissertação de mestrado, intitulada “A Educação Física em uma perspectiva multi/intercultural e as relações de gênero no contexto escolar” (SANTOS, 2013). A pesquisa, em linhas gerais, buscava discutir a participação de meninos e meninas, estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em aulas conjuntas de Educação Física e, no contexto de uma pesquisa-ação, foram operacionalizadas entrevistas coletivas desenvolvidas pelos princípios dos chamados grupos de discussão.

Conforme Weller (2006), os grupos de discussão passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude, pois seu uso se mostrava potente para investigar experiências coletivas, assim como características sociais específicas de um grupo, tais como questões relacionadas a gênero, sexualidade, geração, raça e classe, por exemplo, constituindo uma ferramenta importante para discutir vivências que orientam as ações cotidianas dos sujeitos.

Os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros (WELLER, 2006, p. 247).

Os grupos de discussão foram realizados no ano letivo de 2011 em uma escola municipal do bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, local de trabalho da primeira autora. No contexto da pesquisa, os grupos de discussão foram formados com 20 meninas e 17 meninos do 5º ano de ensino fundamental, totalizando 37 estudantes com idades entre 10 e 11 anos. A escolha de turmas do 5º ano ocorreu por se julgar relevante a discussão sobre gênero nas aulas de Educação Física com estudantes dessa faixa de idade. Além disso, foi realizada uma entrevista individual com o professor de Educação Física regente da turma, recém-formado e com um ano de experiência na educação básica. Atendendo os procedimentos éticos, a escola e a Secretaria Municipal de Educação autorizaram a realização da pesquisa e os sujeitos participantes foram informados por meio de uma reunião, que contou com a presença da direção, professor, estudantes e seus responsáveis. Desse modo, coadunamos com a resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510, considerando que a relação pesquisador e sujeitos participantes se constrói continuamente no processo da pesquisa, podendo ser redefinida na dialogicidade entre as subjetividades, implicando reflexividade e não hierarquização nesse processo.

Para esse artigo, problematizaremos as enunciações que mobilizavam sentidos de masculinidade circulantes na Educação Física escolar, isto é, recortes sobre a temática no contexto da pesquisa propriamente dita. Cabe colocar que, não identificaremos os nomes dos estudantes participantes e, eles e elas, serão nomeados como aluno e aluna em seus relatos.

Masculinidades circulantes na Educação Física escolar

Uma das discussões que emergiram na entrevista em grupo e que trazemos para problematização, foi a relação entre meninos e meninas nas aulas conjuntas e como a masculinidade tensionava as interações nos espaços de aula. Segue um trecho de falas das meninas:

Os meninos ficavam no pátio todo e a gente só no cantinho (Aluna C).

Já deixei de jogar futebol por ser menina porque os meninos ficavam me zoando (Aluna P).

Já fiquei com medo de jogar queimado porque os meninos falaram que iam me estourar porque eu era menina e não ia aguentar (Aluna F).

As falas das meninas apontaram questões que já emergiram em outras pesquisas com focalização do gênero na Educação Física escolar: a dominância dos meninos nos espaços de aula (SOUSA; ALTMANN, 1999) e o cerceamento dos meninos às meninas nas práticas que são realizadas em conjunto, com destaque para a vivência do futebol (NUNES; PIMENTA; CESANA; DRIGO, 2014). Essas falas mostram a importância de se realizar um trabalho pedagógico sobre as questões da diferença na escola tomando como foco as questões de gênero.

Nesse contexto, a perspectiva da educação intercultural pode contribuir no sentido de possibilitar múltiplas experiências educativas nas aulas de Educação Física permeadas pelo diálogo entre os diferentes grupos, em que as questões de gênero podem ser problematizadas, a partir da tematização das diversas manifestações da cultura corporal ao desnudar preconceitos, discriminações e estereótipos.

Essa perspectiva, ao valorizar conhecimentos e saberes plurais, busca o questionamento de modos únicos e engessados de construção de masculinidades e feminilidades e, além disso, possibilita que as experiências corporais possam ser vivenciadas garantindo o direito à participação de estudantes independente do gênero, em atividades como, por exemplo, o futebol e a dança, consideradas práticas socialmente próprias do universo masculino e feminino, respectivamente (NEIRA; NUNES, 2009).

Tais práticas, para além da vivência, podem desencadear discussões entre estudantes e docentes no sentido de romper com diferenciações e hierarquizações pré-estabelecidas com base no gênero, ao promover uma Educação Física cada vez mais plural, inclusiva e democrática.

A abordagem da coeducação, amplamente discutida nas pesquisas sobre gênero na Educação Física escolar, também pode ser uma proposta a ser dialogada com a educação intercultural. A coeducação vai muito além do que apenas aulas de Educação Física em conjunto entre meninos e meninas, sendo um princípio em que estudantes participam das atividades sem separação, tendo as questões de gênero pertencente às atividades sendo problematizadas, tensionadas e dialogadas (SARAIVA, 1999), isto é, são aulas que se desenvolvem por meio de reflexões pedagógicas sobre as questões de gênero nas

vivências da cultura corporal.

Desse modo, entendemos que uma proposta de aula coeducativa em interlocução com os princípios de uma educação intercultural pode contribuir para o debate sobre gênero e, conseqüentemente, sobre o tema da masculinidade, pois colocará em debate o domínio dos meninos nas práticas da Educação Física escolar, ao promover reflexões sobre modos de “ser homem” que impedem a participação das meninas nas aulas em conjunto. Concordamos com Castro (2018, p. 79) na seguinte afirmação: “Precisamos discutir nas escolas desde cedo as expressões de gênero monolíticas e suas conseqüências nocivas para homens e mulheres”.

As próximas falas destacam o seguinte paradoxo: meninos que não se enquadram nesse modelo de masculinidade tóxica/hegemônica e que também sofrem as conseqüências de não vivenciarem masculinidades localizadas nessas expressões mais “normativas”:

Na rua, as meninas brincam de pique-bandeira, aí quando eu apareço e peço pra brincar, as meninas me chamam de boiola (Aluno X)

Teve uma vez que os meninos ficaram chamando a gente de viadinho só porque a gente tava brincando com as meninas (Aluno Y)

Deixei de jogar queimado com as meninas porque os meninos ficavam me chamando de boiolinha e já deixei de dançar porque todo mundo falava que era ‘coisa de mulher’ (Aluno J)

Entre as falas destacadas, sentidos relacionados à homofobia emergiram com muita força. Para Borrillo (2010), a homofobia é a atitude de hostilidade, rejeição irracional e ódio contra pessoas que se identificam como homossexuais, isto é, uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal pela sua orientação sexual. O autor também pontua que a homofobia se coloca como guardião das fronteiras sexuais (hetero/homo), como também do binarismo de gênero (masculino/feminino), segregando aqueles sujeitos que não se conformam a essa ordem.

Articulada à homofobia, a heteronormatividade é cobrada em relação às expressões de masculinidade dos meninos quando em suas falas “dança”, “pique-bandeirinha” e o “brincar com as meninas” são vivências questionadas pela exigência de identificação com a masculinidade tóxica/hegemônica. Segundo Louro (2009, p. 91), a noção de heteronormatividade diz respeito à produção e reiteração compulsória da norma heterossexual atrelada à imposição do binarismo de gênero. Além disso, a autora também afirma que “o processo de heteronormatividade parece ser exercido de modo mais

intenso ou mais visível em relação ao gênero masculino”, conforme traduzida nas falas dos meninos que fogem do padrão tóxico/hegemônico de masculinidade.

Algumas pesquisas da área da Educação e da Educação Física já destacaram os processos de agência/resistência de meninos que não se identificam com a masculinidade tóxica/hegemônica (BRITO; LEITE, 2017; GARCIA; BRITO, 2018; SILVA JÚNIOR; BRITO, 2018; BRITO; COUTO JUNIOR, 2019) e, nesse sentido, defendemos que a escola precisa intervir para o reconhecimento dessas identidades em seus espaços, pois, desse modo, contribuirá para ressignificar os modelos normativos de masculinidade. Assim, reconhecer as diferenças nas expressões de masculinidades de meninos e jovens nas escolas:

fortalece de modo radical o combate ao preconceito e à discriminação heteronormativa que se percebe tão recorrente nas práticas escolares dessa disciplina, na medida em que permite contestar a normatização de comportamentos e desejos sexuais, sem propor em seu lugar novas amarras identitárias (BRITO; LEITE, 2017, p. 487).

Como último excerto de entrevista para problematização, segue trechos da entrevista individual com o professor de Educação Física regente das duas turmas:

Eu vejo, por exemplo, uma coisa que separa a brincadeira de menino e a brincadeira de menina. Menina brinca de pular corda, menina brinca de amarelinha, menina brinca de roda, de boneca e menino brinca de futebol, de polícia e ladrão. Eu creio que eles aprendem a brincar desta forma por uma questão de formação do futuro ser. É a cultura da família e da própria humanidade de que a mulher foi feita pra reproduzir e cuidar e o homem foi feito pra ser vigoroso e trazer o alimento pra casa... então isso é uma coisa que já vem desde os primórdios e mesmo que o tempo vá passando, as coisas vão ficando mais fortes. O menino quando quer brincar quer dar porrada, quer brincar com arma e com coisas que demonstrem poder e as meninas aquelas coisas que são mais submissas como cuidar da bonequinha, cuidar da casinha. Os próprios pais quando veem um filho brincando de casinha... eles não vão gostar porque aquilo ali, no caso, não vai trazer uma cultura boa pro filho, vai afetar a sexualidade do filho e isso, pro pai, não é aceitável. A menina a mesma coisa... uma menina jogando futebol... são poucos os pais que vão olhar e aceitar de primeira, hoje em dia com a mídia, tá tendo até uma mudança por conta das seleções femininas... mas o preconceito ainda é muito grande, porque esta

questão ligada à sexualidade, ao tipo de atividade, pois ela praticamente passa a ser determinante na opção sexual (sic) da pessoa e isso dentro da sociedade é complicado... a gente passa por uma crise em relação a aceitação da sexualidade e os pais pegam firme sim, não adianta... o filho tem que ser macho e a filha mulher, pode até trabalhar, mas tem que cuidar do marido. E o professor de Educação Física às vezes na comodidade dele acabam negligenciando esta questão e esquecendo que a parte motora, a parte do desenvolvimento é igual pra todo mundo (Professor).

Embora a fala do professor nos remeta à interpretação de uma tentativa de crítica, o docente enuncia sentidos de normatização sobre sua compreensão dos temas gênero e sexualidade. Entre os pontos colocados, o professor atribui à cultura a regulação sobre os modos normativos de “ser homem” e de “ser mulher”, corroborados pelo âmbito familiar, concebendo-os de maneira fixa e com possibilidades praticamente inexistentes de mudança. Como profissionais do campo da Educação e estudiosos dos temas gênero e sexualidade, não coadunamos com tal posição que, ao nosso ver, é concebida de modo essencialista frente aos sentidos do masculino e do feminino e que desconsidera uma das funções da escola que é o educar com vistas às mudanças sociais.

Em alguma medida, reconhecemos que o machismo e a homofobia afetam o pensamento do professor frente às questões de gênero e sexualidade e, provavelmente, sua identificação como homem pode ser um fator que pesa com mais força nesse contexto. Não negamos que a cultura produz modos de masculinidade que se aproximam de uma identificação tóxica/hegemônica e que, de modo mais recorrente, afetará parte dos homens em suas concepções sobre gênero e sexualidade, entretanto não atribuímos tal identificação a todos os homens. Além disso, defendemos que a escola e a Educação, de um modo geral, podem contribuir para processos de mudança frente ao machismo e a homofobia.

A educação em uma sociedade verdadeiramente democrática, comprometida com a diminuição das desigualdades, possui a enorme tarefa não só de desestabilizar os paradigmas de identidades femininas subalternizadas ideologicamente pelo machismo, mas também os modelos de identidades masculinas tóxicas, frutos do mesmo machismo (CASTRO, 2018, p. 76).

Segue outro trecho da entrevista com o professor, que nos trouxe outro ponto para problematização:

O professor tem que querer fazer. Se ele se acomoda há a perpetuação de valores sexistas. A vivência que um professor teve nas aulas da graduação também tem influência na reprodução ou superação de valores durante a sua prática pedagógica. Na formação continuada deve ser oferecida cursos, palestras e encontros sobre o tema, pelo fato de ser um tema tão importante e vivido no cotidiano do professor de Educação Física (Professor).

O professor aponta em sua fala a importância da formação inicial e continuada de professores abordar os temas gênero e sexualidade. Garcia e Pereira (2021), em pesquisa que focalizou as questões de gênero e sexualidade na formação inicial em Educação Física, destacaram que os temas eram pouco abordados e o reforço de identidades cisgêneras e heterossexuais se faziam presentes constantemente nas práticas pedagógicas das disciplinas do curso.

Os autores defendem a importância da formação de professores abordar especificamente o tema da masculinidade, pois se colocará em xeque a naturalização da masculinidade hegemônica presente no campo da Educação Física, por meio de intervenções que combatam “condutas e comportamentos que possivelmente continuarão retroalimentando os círculos/ciclos viciosos da Educação Física, de fabricar sujeitos não comprometidos com mudanças sociais ou políticas no que concerne à temática em tela” (GARCIA; PEREIRA, 2021, p. 19).

Desestabilizando a masculinidade tóxica/hegemônica na escola

Reconhecendo a Educação como um caminho para a desestabilização da masculinidade tóxica/hegemônica, por meio de práticas pedagógicas democráticas, plurais e igualitárias, ressaltamos a importância de uma educação na perspectiva intercultural como uma dimensão que atravesse as relações de gênero estabelecidas na escola, promovendo o questionamento e rupturas de dominações, opressões e hierarquias.

Entendemos que a escola ainda opera em uma lógica padronizadora e homogeneizante em relação ao currículo, metodologias, práticas e relações (CANDAU, 2020), estabelecendo com isso, em grande parte do cotidiano escolar, modos de conceber as masculinidades dentro de um modelo hegemônico/tóxico. A Educação em uma perspectiva intercultural busca romper com o engessamento presente na realidade

escolar, propondo uma ressignificação das práticas pedagógicas em prol da valorização das diferenças e do diálogo entre as diversas culturas e, desse modo, considerar as múltiplas possibilidades de construções das masculinidades.

Inicialmente, é importante ressaltar que a palavra interculturalidade vem assumindo um uso cada vez mais amplo na sociedade, tornando-se uma expressão polissêmica. Para Candau (2018) é fundamental definir o sentido que a empregamos, evitando, desse modo, modismos que acabam por tornar esta perspectiva superficial e reducionista.

Nesse sentido, a autora destaca algumas características inerentes a uma perspectiva crítica da interculturalidade. Uma primeira é a promoção deliberada da inter-relação entre os diferentes grupos socioculturais presentes em uma sociedade, buscando promover um diálogo intercultural e a ruptura de hierarquias estabelecidas pelo padrão eurocêntrico, branco, masculino, heterossexual, cristão, através do reconhecimento e valorização das culturas subalternizadas historicamente.

Em seguida, Candau (2018) ressalta que a perspectiva intercultural, a qual defende, rompe com uma visão essencialista das identidades culturais, reconhecendo-as em contínuo processo de construção/desconstrução e admitindo que as culturas são históricas e dinâmicas, não fixando os sujeitos em determinado padrão cultural. Uma terceira característica, segundo a referida autora, é a afirmação que nas sociedades atuais os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores de identidades abertas, em construção permanente, o que pressupõe que as culturas não são puras, mas fluídas e plurais.

Os mecanismos de poder existentes entre os diversos grupos culturais, também é uma característica marcante da perspectiva intercultural, apontada por Candau (2018). São relações fortemente hierarquizadas e marcadas por preconceitos e discriminações de diversos marcadores como gênero, orientação sexual, raça, classe, questões religiosas entre outros.

E, por fim, a autora citada destaca o fato de a perspectiva intercultural não desvincular as questões da igualdade e diferença presentes na sociedade contemporânea, pelo contrário, assume a construção de relações democráticas entre os grupos socioculturais por meio de políticas que articulem direitos da igualdade e diferença.

Em síntese, a perspectiva intercultural:

[...] quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2011, p. 23)

Corroborando com Candau (2011), Pineda (2009) considera que a educação intercultural representa a explicitação da interculturalidade na Educação, a partir de práticas pedagógicas culturalmente situadas. Nesse sentido, segundo a autora, é imprescindível o diálogo entre as diferentes culturas e o reconhecimento e valorização das diferenças presentes na sociedade. Destaca que essa perspectiva tem como objetivo a superação de preconceitos e discriminações e a promoção da igualdade levando em consideração diferentes vozes e visões de mundo.

A autora citada afirma que o diálogo intercultural não é uma atitude inerente aos sujeitos, mas se constitui como algo a ser construído e perseguido, na intenção de promover possíveis relações de igualdade entre os diferentes.

Diante do exposto e reconhecendo a importância pedagógica e política do comprometimento em formar identidades sensíveis e abertas às questões das diferenças, acreditamos que a articulação entre a Educação Física e a perspectiva intercultural crítica pode ser um caminho promissor para a construção de práticas pedagógicas igualitárias, plurais e questionadoras de um modelo único e engessado que concebe o padrão eurocêntrico, branco, heterossexual e masculino como legítimo.

A Educação Física em uma perspectiva intercultural pode ser traduzida em práticas cotidianas, em que professores/as e estudantes sejam considerados/as, respeitados/as e legitimados/as levando em consideração a multiplicidade de suas subjetividades e, também, a partir das experiências ligadas à cultura corporal que valorizem a troca e o diálogo entre os diferentes grupos culturais, sem a constante hierarquização de conhecimentos e saberes ligados às práticas corporais que tanto presenciamos nas escolas. As diferenças culturais de gênero, orientação sexual, raça, classe, religião entre outras precisam ser vistas como riqueza pedagógica subvertendo a hegemonia eurocêntrica e estadunidense em função da valorização e reconhecimento de sujeitos, saberes e práticas provenientes de grupos marginalizados historicamente (SANTOS, 2020).

Nesse contexto, entendemos que uma perspectiva intercultural na Educação Física

pode contribuir para a desestabilização e questionamento da masculinidade tóxica/hegemônica, pois busca a ruptura de padrões engessados, concebe as identidades como fluídas e plurais, promove o diálogo e o respeito às diferentes formas de ser e estar no mundo (CANDAU, 2018).

Assim, as práticas pedagógicas da Educação Física construídas a partir da compreensão, reflexão e vivência das manifestações da cultura corporal (danças, ginásticas, brincadeiras, jogos, lutas e esportes), precisam subverter lógicas dominantes/tóxicas de masculinidades que impedem, por exemplo, a vivência de práticas coeducativas, que meninos optem por não gostarem de futebol sem sofrer algum tipo de preconceito ou discriminação e, do mesmo modo, que meninas possam vivenciar práticas consideradas típicas do universo masculino como os esportes e as lutas, sem que sejam rechaçadas de suas possibilidades pelos meninos. Nesse sentido, inspirados pela recente pesquisa de Almeida e Devede (2022), considerando nossa pesquisa com estudantes do 5º ano do ensino fundamental, apontamos algumas possibilidades de problematização do tema da masculinidade nas aulas de Educação Física do primeiro segmento do ensino fundamental:

Participar de jogos que integrem meninas e meninos, incentivando o respeito às diferenças e a cooperação; Experimentar atividades rítmicas e expressivas, estimulando a participação de todos(as); Participar de jogos que não enfatizem a competição enquanto disputa, minimizando características associadas à masculinidade hegemônica; Reconhecer e combater o sexismo que reafirme as práticas corporais como domínio masculino; Assistir e debater animações que produzam discussões sobre masculinidades e a Efe (p. 3).

Consideramos, em acordo com Candau (2018), que as diferenças culturais são componentes primordiais das relações sociais, no entanto, essas relações são fortemente marcadas por conflitos e tensões, muitas vezes geradas por assimetrias de poder produtoras de hierarquias, processos de subalternização, preconceitos e discriminações em relação à determinados sujeitos. Por conta dessa perspectiva, defendemos a construção de práticas pedagógicas interculturais nas aulas de Educação Física que caminhem em direção ao reconhecimento do “outro”, ao diálogo entre os diferentes, a processos de negociação cultural onde as diferenças sejam problematizadas em função de uma sociedade mais justa, democrática e plural.

Para a autora, é fundamental interculturalizar as práticas educativas e, para tanto, propõe alguns aspectos que considera importantes, dentre eles: assumir as diferenças

culturais como vantagem pedagógica, promovendo processos educativos que despertem o potencial dos sujeitos envolvidos; desnaturalizar o universo de preconceitos e discriminações presentes na sociedade, reconhecendo o machismo e a LGBTfobia presentes nas relações sociais; questionar o caráter monocultural e a padronização que, de modo implícito ou explícito, estão presentes no cotidiano escolar; reconhecer e valorizar a pluralidade de conhecimentos e saberes e a promoção do diálogo entre eles; reconstruir a dinâmica educacional e, no nosso caso, ressignificar as aulas de Educação Física que, historicamente, marcada por exclusões e generificações, possam promover práticas democráticas que assumam as diferenças como constituintes de todos, todas e todes.

Por fim, gostaríamos de ressaltar um aspecto fundamental apontado por Candau (2018, p. 234) no que diz respeito a estimular a diferenciação pedagógica, ou seja, “desengessar” a sala de aula, multiplicar/diversificar espaços e tempos de ensinar e aprender”. Neste sentido, uma Educação Física que questione a circulação de uma masculinidade tóxica/hegemônica nas aulas, ao incorporar uma perspectiva que afirme e valorize as diferenças, pluralizando a seleção curricular, as práticas didáticas, as metodologias e os conteúdos, se mostra o caminho mais viável nos cotidianos escolares.

Um espaço pedagógico que oportunize o diálogo e a reflexão sobre as diversas formas de masculinidades e como o modo tido como tóxico/hegemônico pode ser nocivo, afetando as relações entre meninos e meninas nas aulas a partir de exclusões e subalternizações. Entendemos que a Educação Física em uma perspectiva intercultural pode caminhar nesse sentido, em busca de uma sociedade e Educação mais justas e democráticas.

Considerações finais

Longe de esgotar a análise sobre o tema proposto, buscamos discutir sentidos das masculinidades em discursos circulantes na Educação Física escolar, a partir de um recorte de uma pesquisa mais ampla que problematizou o desenvolvimento de aulas de Educação Física escolar fundamentadas na perspectiva multi/intercultural para tensionar as aulas mistas.

Além da utilização de uma perspectiva fundamentada na educação intercultural, destacamos também a dimensão da coeducação na problematização das questões de gênero nas aulas de Educação Física. Partimos do pressuposto que essas duas concepções

em diálogo podem contribuir para a discussão e tensionamento das questões de gênero e, consequentemente, sobre o tema da masculinidade, a partir da reflexão sobre os modos de “ser homem” e “ser mulher” na sociedade, subvertendo a lógica de uma masculinidade tóxica/hegemônica em busca de formas que reconheçam e valorizem às diferenças.

A análise de dados realizada a partir de um grupo de discussão com estudantes do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública evidenciou a dominância dos meninos nos espaços de aula, o cerceamento dos meninos às meninas nas práticas realizadas em conjunto, especialmente na vivência do futebol e, para além desses achados, identificamos que meninos que não se enquadravam no modelo de masculinidade tóxica/hegemônica sofriam as consequências por não aderirem a tal modelo normativo.

Em relação à entrevista realizada com o professor de Educação Física, embora reconheçamos pistas de reflexões sobre o tema, também identificamos percepções essencialistas acerca das construções das masculinidades e feminilidades, destacando formas normativas e fixas de “ser homem” e “ser mulher”, responsabilizando a cultura por tal construção. Outro ponto ressaltado na referida entrevista é a importância dada pelo professor à formação inicial e continuada de professores em abordar os temas gênero e sexualidade.

Diante do exposto, defendemos que a Educação e, como enfoque deste estudo, a Educação Física escolar podem contribuir para a problematização, tensionamento e desestabilização das questões normativas de gênero, assim como da masculinidade tóxica/hegemônica em seus espaços educativos, por meio de práticas pedagógicas dialógicas, democráticas, igualitárias e que reconheçam as diferenças como riqueza pedagógica.

Ao assumir as perspectivas intercultural e coeducativa, a Educação Física se compromete com intervenções pedagógicas relacionadas ao tema gênero, que respeitem as subjetividades dos/as estudantes e seus contextos culturais, levem em consideração a diversificação de conteúdos a partir da tematização das manifestações da cultura corporal, questionem os preconceitos e discriminações presentes nas práticas corporais e na sociedade de forma mais ampla e rompam com o caráter monocultural e padronizado das práticas educativas.

Enfim, conscientes que a perspectiva da educação intercultural e da coeducação são propostas ainda em construção nas escolas e universidades e, também, que o tema da masculinidade se coloca como urgente e necessário na Educação e na sociedade

contemporânea, ressaltamos a necessidade de mais pesquisas no campo da Educação Física que abordem tais temas e que tenham como pano de fundo a afirmação e valorização das diferenças, se o desejo for assumir uma postura de resistência e insurgência frente as desigualdades que nos assolam constantemente.

Referências

- ALMEIDA, R. S. M.; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar e masculinidades: reflexões na direção de uma proposição didática. In: VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2022. Anais... 2022.
- BORRILLO, D. A homofobia. História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BRITO, L. T. Por uma perspectiva pós-fundacional para os estudos sobre homens e masculinidades na Educação Física. In: DEVIDE, F. P.; BRITO, L. T. (Orgs.). Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte. São Paulo: Nversos, 2021, p. 63-81.
- BRITO, L. T.; COUTO JUNIOR, D. R. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. Revista Periódicus, Salvador, v. 1, n.11, p. 284-302, 2019.
- BRITO, L. T.; LEITE, M. S. Pesquisar a masculinidade na Educação: sobre o potencial performativo do texto acadêmico. In: 39ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39, 2019, Niterói. Anais ... Niterói, ANPED, 2019.
- BRITO, L. T.; LEITE, M. S. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, p. 481-500, 2017.
- BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2013.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 13-37.
- CANDAU, V. M. Interculturalidade e cotidiano escolar. In: CANDAU, V. M. (Org.). Didática: tecendo/reinventando saberes e práticas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018, p. 220-235.
- CANDAU, V. M. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade temas insurgentes. Revista Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2023.74987

CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *Revista Aprender*, Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018.

CONNELL, R. Masculinidades. México: UNAM-PUEG, 2003.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Masculinidades e a formação de professores/as de Educação Física na EEFD/UFRJ. *INTERthesis*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 1, 2021.

GARCIA, R. M.; BRITO, L. T. Performatizações queer na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, p. 1321-1334, 2018.

LOURO, G. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 85-93.

MORAES E SILVA, M.; CESAR, M. R. A. As masculinidades produzidas nas aulas de educação física: percepções docentes. *Motrivivência*, Florianópolis, n.39, p. 101-112, dez. 2012.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

NUNES, H. F. P.; PIMENTA, T. F. F.; CESANA, J.; DRIGO, A. J. Educação Física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.

PINEDA, F. L. É hora de sacudir os velhos preconceitos e de construir a Terra: sobre a educação intercultural. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 94-123.

SANTOS, A. P. S. *A Educação Física em uma perspectiva multi/intercultural e as relações de gênero no contexto escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, A. P. S. O ensino da Educação Física na escola em uma perspectiva intercultural: um diálogo com as diferenças culturais. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Pedagogias Decoloniais e Interculturalidade: Insurgências*. Rio de Janeiro: Apoema, 2020, p. 124-133.

SANTOS, A. P. S.; BRITO, L. T. Disputas pela (des)estabilização do regime cisheteronormativo na Educação Física escolar. *Educación Física y Ciencia*, v. 22, n. 4, p. 149, oct. 2020

SANTOS, A. P. S.; CANEN, A. A prática pedagógica na perspectiva multi/intercultural e as relações de gênero: possibilidades de ação na Educação Física escolar. *Revista Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 69-86, 2015.

SARAIVA, M. C. *Coeducação Física e Esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijuí, 1999.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2023.74987

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S. V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 219-233, jul./set. 2008.

SILVA JUNIOR, P. M.; BRITO, L. T. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. Revista Áskesis, São Carlos, v. 7, n.1, p. 26-38, 2018.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. Cadernos Cedes, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 52-68, Ago. 1999.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 02, p. 241-260, 2006.

Recebido em 13 de abril de 2023

Aceito em 25 de maio de 2023



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.